

## Introdução

Desde a sua publicação em 1947, o livro *Dialética do Esclarecimento* de Theodor Adorno e Max Horkheimer, é considerado como, no mínimo, polêmico, seja por propor uma interpretação original da história da filosofia a partir da via do esclarecimento (*Aufklärung*), por criticar duramente o cientificismo e o positivismo ou por propor uma abordagem extremamente crítica e original da cultura de massas e do anti-semitismo. O livro é polêmico até mesmo por acabar se tornando hoje em dia, com todas as facilidades técnicas de reprodução e divulgação que critica, se não lido, pelo menos muito conhecido e disponível em qualquer livraria como mais um produto oferecido pela cultura de massas. Mesmo se se considera que hoje o livro foi expropriado pela indústria cultural, como mais um produto *pop* oferecido, o fato é que se trata de um clássico da filosofia feita no século XX. Apesar de muitos de seus conceitos terem sido usados à exaustão por muitos comentadores, muitas de suas idéias originais ainda merecem ser objeto de análise, pois a cada vez que se volta à leitura do texto, mais ele parece iluminar o tempo presente. E também, na medida em que ele não foi escrito de maneira linear, dado o seu caráter aforístico, a sua leitura permite várias formas de abordagem.

Chama a atenção do leitor a forte influência da filosofia transcendental de Kant nos argumentos dos autores. Não é raro o leitor encontrar, numa página ou noutra, uma referência explícita ou não, uma citação ou mesmo uma crítica da filosofia kantiana. O próprio título do livro faz uma referência explícita ao texto kantiano “Resposta a pergunta: O que é Esclarecimento?”, que, escrito por Kant sem muita pretensão, acabou

tornando-se célebre. E não parece ser outra a pergunta lançada pelos autores na *Dialética do Esclarecimento*: por que é que apesar de todo o desenvolvimento técnico e científico proporcionado pelo esclarecimento, as pessoas permanecem tuteladas ao invés de tornarem-se autônomas, independentes e capazes de julgar com discernimento?

Adorno e Horkheimer se conheceram em 1922, num seminário sobre Husserl, organizado pelo filósofo neokantiano e professor da Universidade de Frankfurt, Hans Cornelius. Sob a influência de Cornelius, Horkheimer passou a considerar a idéia de que era possível conciliar a vontade e o conhecimento, antagonismos que são fundamentais na filosofia de Kant e caros ao programa da Teoria Crítica. Uma outra influência, foi no sentido de se considerar que o indivíduo nunca deve se submeter inteiramente à totalidade a qual pertence. Os dois primeiros textos acadêmicos escritos por Horkheimer tratavam de uma análise da *Crítica do Juízo* de Kant. Sob a orientação de Cornelius, ele tornou-se doutor em 1922 com o trabalho “Sobre a antinomia da faculdade teleológica de juízo” (“Zur Antinomie der teleologischen Urteilskraft”) e habilitou-se como professor em 1925 com a tese “Sobre a *Crítica da Faculdade de Juízo* de Kant como elemento de ligação entre a filosofia teórica e a prática” (“Kants Kritik der Urteilskraft als Bindeglied zwischen theoretischer und praktischer Philosophie”) (JAY: 1973, p. 30-31).

Adorno tentou, sem sucesso, tornar-se assistente de Cornelius em 1927, com a publicação da tese “O conceito do inconsciente na doutrina transcendental da alma” (“Begriff des Unbewussten in der transzendentalen Seelenlehre”) (WIGGERSHAUS: 2002, p. 113). Apesar de ser rejeitada por Cornelius, a tese apresenta uma consideração que será importante dentro do esquema da *Dialética do Esclarecimento*, sobretudo no

que diz respeito ao capítulo sobre os elementos do anti-semitismo: a psicanálise freudiana como a ciência empírica capaz de preencher o quadro estabelecido pela filosofia transcendental. Mas, no caso de Adorno, pode-se considerar que a figura marcante em sua formação foi Siegfried Kracauer. Durante anos, Adorno passou as tardes de sábado estudando a *Crítica da Razão Pura* sob sua orientação e costumava dizer que havia aprendido mais com essas leituras do que nos cursos que frequentou mais tarde na universidade. Kracauer influenciou Adorno principalmente em sua desconfiança em relação aos sistemas filosóficos fechados e na sua ênfase sobre o particular como oposto ao universal (JAY: 1973, p. 53).

A partir de 1927, apesar da considerada influência da filosofia transcendental de Kant no pensamento de Adorno e Horkheimer, ambos não escreveram nenhuma obra que abordasse diretamente o seu pensamento, tal como fizeram, por exemplo, com Hegel, Husserl ou Kierkegaard. A referência ao pensamento de Kant é uma constante sim, mas sempre com o intuito de confirmar as teses dos autores. Tal parece ser o caso do uso que os autores fizeram, na *Dialética do Esclarecimento*, dos conceitos kantianos de “esquema” e “esquematismo”. O termo “esquema” aparece em todos os capítulos do livro, mas a referência explícita ao seu sentido kantiano, vinculada ao conceito de “esquematismo”, pode ser encontrada, mais especificamente, nos capítulos sobre a indústria cultural e os elementos do anti-semitismo.

Com o objetivo de esclarece as relações traçadas pelos autores entre o esquematismo kantiano e a crítica da indústria cultural e dos elementos do anti-semitismo, na *Dialética do Esclarecimento*, a dissertação pretende: 1) aprofundar o conhecimento sobre a

relação entre o esquematismo kantiano e a crítica da indústria cultural e do anti-semitismo, estabelecendo as devidas distinções entre ambos os pontos de vista; 2) apontar, a partir de uma investigação dos textos da Teoria Crítica, especialmente a *Dialética do Esclarecimento*, em que medida a indústria cultural se apropria da capacidade de esquematismo das pessoas; 3) apontar, a partir de uma investigação do capítulo sobre os elementos do anti-semitismo, em que medida a determinação social e histórica da nossa capacidade de julgar contribuiu, por um lado, para o recrudescimento do anti-semitismo e, por outro lado, para a crescente interpenetração, na sociedade ocidental esclarecida, entre a cultura e a barbárie.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, é feita uma apresentação dos princípios fundamentais da teoria do conhecimento de Kant, tal como apresentada na *Crítica da Razão Pura*. O capítulo está dividido em três partes. Na primeira parte, apresenta-se a sensibilidade (CRP B33-73) no seu uso transcendental, como sendo o ponto de partida de todo o conhecimento. Na segunda parte, apresenta-se a doutrina do entendimento (CRP B91-169) no seu uso transcendental, como sendo aquele elemento responsável por conferir universalidade, necessidade e validade científica ao conhecimento. Na terceira parte, é apresentada a doutrina do esquematismo (CRP B170-189), como sendo o elemento fundamental que possibilita a aplicação das categorias do entendimento às intuições da sensibilidade. Uma vez que a dissertação não pretende discutir em profundidade os elementos da filosofia transcendental kantiana, o texto limita-se, nas duas primeiras partes, a apresentar, de maneira sucinta, as considerações de Kant sobre a sensibilidade e o entendimento. Na terceira parte, é feita a referência ao pensamento de alguns comentadores dos textos kantianos, mas

somente no sentido de apontar a insuficiência do texto de Kant, sobretudo no que diz respeito aos esquemas dos conceitos empíricos.

No segundo capítulo, são apresentadas as críticas de Adorno e Horkheimer à indústria cultural. Tais críticas baseiam-se na idéia de que a indústria cultural expropria as pessoas de sua capacidade natural de esquematizar, fornecendo-lhes esquemas fabricados que pré-formariam a sua percepção. Na primeira parte do capítulo, é apresentada a relação entre a Teoria Crítica e o esquematismo, traçada por Horkheimer em seu texto “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, publicado em 1937. Nesse texto já é possível encontrar um embrião do que mais tarde será tratado na *Dialética do Esclarecimento* em relação à filosofia kantiana, sobretudo no que diz respeito a sua limitação frente à realidade social. Na segunda parte, apresenta-se àquelas poucas partes do texto em que os autores fazem menção aos conceitos de “esquema” e “esquematismo” no sentido kantiano, relacionando-os à crítica dos métodos que a indústria cultural utiliza para enganar as pessoas e garantir o sucesso do seu negócio. A exemplo da obscuridade da doutrina do esquematismo de Kant, o processo de expropriação do esquematismo das pessoas pela indústria cultural mostra-se irredutível a uma mera sistematização. Dessa forma, na terceira parte, é considerada a possibilidade de se pensar o “esquema” produzido pela indústria cultural, ora como um padrão de percepção, ora como um padrão de comportamento e ora como imagem. Em todos esses casos, o sentido de “esquema” parece não coincidir com aquele proposto por Kant – o foco dos autores está muito mais no procedimento esquematizante e sua usurpação por parte da indústria cultural do que no seu uso transcendental.

No terceiro capítulo, é apresentada a crítica do anti-semitismo pela via do esquematismo. Neste capítulo será retomada a possível inter-relação entre o esquematismo e a sociedade. Na primeira parte, é apresentado o conceito de mimese, como sendo o procedimento mais primário de identificação e de significação do mundo. Nesse sentido, pretende-se apontar em que medida a percepção do sujeito, e o modo como ele se relaciona com o que está a sua volta, podem ser determinados historicamente. Com o objetivo de ilustrar tal questão, é demonstrado o modo como os líderes fascistas lançam mão do mecanismo da sugestão, como uma forma de sugerir padrões de conduta e de identificação irrefletida entre os seus seguidores. Na segunda parte, é apresentado o conceito freudiano de projeção como um correlato do esquematismo kantiano. Tal como no caso do conceito de mimese, a projeção também é caracterizada como um elemento de significação do mundo e a sua degeneração na falsa projeção, na incapacidade de reflexão, é apontada pelos autores, como um dos elementos que sustentam o comportamento anti-semita. Na terceira parte, analisa-se de que forma a propaganda fascista manipula as massas, sugerindo-lhes esquemas de comportamento e expropriando-as de sua capacidade de reflexão autônoma.

E, finalmente, na conclusão será feita uma rememoração das análises realizadas nos capítulos precedentes, com o objetivo de explicitar a importância do conceito kantiano de esquematismo para a crítica da indústria cultural e do anti-semitismo.

Apesar da importância da doutrina do esquematismo na argumentação da *Dialética do Esclarecimento*, muito pouco se trabalhou no sentido de esclarecer as relações ali traçadas e as suas conseqüências. A bibliografia disponível sobre o assunto é muito

escassa e, por isso, outros autores, além de Kant, Adorno e Horkheimer, só serão citados no corpo do texto da dissertação quando houver a necessidade de se reforçar algum ponto da argumentação. É digno de menção que o Prof. Rodrigo Duarte é o único autor a abordar, de maneira original e com profundidade, essa questão do esquematismo na *Dialética do Esclarecimento*. A presente dissertação baseou-se diretamente em seus textos e em sua orientação, mesmo naquelas partes em que a referência ao seu pensamento não é explícita.